

# **Propensão ao Endividamento no Município de Santa Maria (RS): verificando diferenças em variáveis demográficas e culturais**

**Kelmara Mendes Vieira**

Programa de Pós-Graduação em Administração – Universidade Federal de Santa Maria – Brasil

**Sílvia Amélia Mendonça Flores**

Universidade Federal do Pampa – Brasil

**Jéssica Pulino Campara**

Programa de Pós-Graduação em Administração – Universidade Federal de Santa Maria – Brasil

## **Resumo**

O presente estudo buscou investigar, considerando as possíveis dificuldades financeiras dos indivíduos e a importância do endividamento para a economia, a propensão ao endividamento dos moradores do município de Santa Maria (RS), a fim de conhecer o perfil de gastos e as variáveis demográficas e culturais relacionadas à propensão ao endividamento. Realizou-se uma pesquisa *survey*, tendo-se como amostra 1.046 respondentes. Os dados foram coletados através de um questionário estruturado, composto por duas seções, sendo a primeira relativa às variáveis demográficas e culturais dos respondentes, além de questões sobre crédito e gastos e a segunda relativa à propensão ao endividamento. Com relação à análise dos resultados, utilizou-se a estatística descritiva para as variáveis demográficas e culturais do estudo e a análise da variância para avaliar as diferenças de média entre grupos. As comparações entre os grupos mostraram haver diferença na propensão ao endividamento conforme o estado civil, a escolaridade, a ocupação, renda, religião, idade e gastos. Pode-se observar que os grupos mais propensos ao endividamento são aqueles indivíduos solteiros e viúvos, com menores níveis de escolaridade (ensino fundamental e ensino médio), sem ocupação, com baixa renda, sem religião, mais jovens (até 22 anos) e que gastam mais do que ganham. De maneira geral, este trabalho mostrou que os habitantes de Santa Maria podem ser caracterizados a partir de um comportamento mais conservador, apresentando baixa propensão ao endividamento.

**Palavras-chave:** Propensão ao Endividamento. Variáveis Demográficas. Variáveis Culturais. Diferenças.

# **Propensity to Indebtedness in the Municipality of Santa Maria (RS): checking differences in demographic and cultural variables**

**Kelmara Mendes Vieira**

Programa de Pós-Graduação em Administração– Universidade Federal de Santa Maria – Brazil

**Sílvia Amélia Mendonça Flores**

Universidade Federal do Pampa – Brazil

**Jéssica Pulino Campara**

Programa de Pós-Graduação em Administração– Universidade Federal de Santa Maria – Brazil

## **Abstract**

This study tried to investigate, considering regard the individuals' possible financial difficulties and the importance of indebtedness for economy, the propensity to indebtedness from inhabitants of Santa Maria (RS), with the aim to know the spending' profile, as well as demographic and cultural variables related to propensity to indebtedness. We conducted a survey research, having sampled 1,046 respondents. The data has been collected through a structured questionnaire composed by two sections, the first section is related to demographic and social respondents' variables, and also questions about credit and spending, the second one is related to the propensity to indebtedness. With regard to the analysis of results, descriptive statistics has been used to demographic and cultural variables, and ANOVA analysis to evaluate the differences in average between groups. The comparison between groups have shown difference in propensity to indebtedness in relation to marital status, schooling level, occupation, income, religion, age and spending. It can be observed that most groups with more tendency to indebtedness are single and widowers, with lower schooling level (primary and secondary school), with no occupation, low income, with no religion, young people (until 22 years old) and who spend more than they earn. In general, this study has shown that inhabitants of Santa Maria can be characterized in a more conservative behavior, showing low level to indebtedness.

**Keywords:** Propensity toward Indebtedness. Demographic Variables. Cultural Variables. Difference.

## 1 Introdução

O consumo está fortemente associado com o senso de identidade, bem-estar, relacionamentos e na negociação com os demais, que em parte, realiza-se através de dinheiro e de bens materiais (Dittmar, 1996). Esse processo é estimulado constantemente pela disponibilidade de crédito às famílias brasileiras, tanto para consumo quanto para habitação, com o intuito de inclusão financeira da população; de redução das taxas de juros; e de ampliação das operações de crédito imobiliário e consignado (Banco Central, 2014). Além disso, essa abertura financeira pode diminuir as restrições de financiamento, dando para mais famílias o acesso ao crédito, conhecido como “democratização do crédito”, ou até mesmo reduzir o custos dos empréstimos, para quem já possui acesso (Guttman & Plihon, 2008). Todavia, as consequências dessa estrutura financeira não são apenas vantajosas, essa sistemática propicia a consolidação de um problema social, da chamada “sociedade do consumo” que ao ultrapassar seus limites de dispêndio maximizam os níveis de endividamento (Slomp, 2008).

Essas evidências são ratificadas pela Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), elaborada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), que indica a maior facilidade de crédito como um fator positivo na alavancagem da demanda doméstica, mas como impulsionador da dívida. Os resultados da pesquisa em maio de 2014 revelaram que 62,7% das famílias estão endividadas com cheque pré-datado, cartão de crédito, cheque especial, carnê de loja, empréstimo pessoal, prestação de carro e seguro (CNC, 2014). De maneira análoga, identifica-se que a razão crédito a pessoas físicas/PIB (Produto Interno Bruto) passou de 9,3%, em janeiro de 2004, para 26,1%, em janeiro de 2014, tendo o endividamento atingido 45,5% (o indicador de endividamento foi obtido pela divisão da dívida das famílias pela massa salarial ampliada) em dezembro de 2013 (Banco Central, 2014).

Na literatura, diversos estudos buscam entender os determinantes da propensão ao endividamento dos indivíduos. Assim, observou-se que variáveis pessoais como escolaridade (Ponchio, 2006; Gathergood, 2012; Keese, 2012), idade (Ponchio, 2006; Worthy et al, 2010; Sevim et al, 2012), religião (Davies & Lea, 1995), estado civil (Mendes-Da-Silva et al, 2012, Keese, 2012), renda (Zerrenner, 2007; Bricker & Kennickell, 2012) e ocupação (Keese, 2012, Chien & Devaney, 2001; Baek & Hong, 2004) seriam determinantes para propensão ao endividamento. Essas evidências são justificadas pelo

fato de que as pessoas comportam-se de maneira distinta se consideradas suas condições sociais e econômicas (Keese, 2012).

O contexto apresentado revela a ascendência da propensão ao endividamento da sociedade e a relação que aspectos socioeconômicos podem ter com o acúmulo de dívida. Partindo dessas evidências, o estudo buscou investigar a propensão ao endividamento dos moradores do município de Santa Maria (RS), a fim de conhecer o perfil de gastos e as variáveis socioeconômicas relacionadas à propensão ao endividamento.

A relevância e justificativa deste estudo se dão, à medida que os resultados aqui auferidos poderão contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas no contexto investigado, pois indicarão grupos sociais específicos que estejam mais vulneráveis a dívida, sendo possível a realização de programas voltados para essas pessoas de orientação financeira, amenizando assim a probabilidade de dificuldades monetárias.

Para consolidar esses resultados, o trabalho está estruturado em cinco partes. Após esta introdução, tem-se o referencial teórico, com os conceitos de endividamento, sobreendividamento e variáveis socioeconômicas que influenciam nas decisões financeiras. A seção três aborda o método de estudo e a seção quatro a análise dos resultados e discussões. Por fim são apresentadas as considerações finais do estudo.

## **2 Referencial Teórico**

### **2.1 Endividamento**

O endividamento é compreendido como o ato de assumir ou contrair dívidas, derivando do verbo endividar-se. Deve-se considerar a importância do tema em questão, pois o endividamento pode ser compreendido a partir da interdisciplinariedade, buscando suporte nas diversas áreas do conhecimento. Isto ocorre pela multidimensionalidade do endividamento, que pode ser causado por diversos aspectos, como a renda, fatores econômicos, uso inadequado do crédito, aspectos psicológicos, fatores comportamentais, entre outros.

Neste cenário, muitas escolhas e ações dos indivíduos podem os levar a consequências negativas, além do endividamento, como por exemplo, os problemas sociais (Oliveira et al, 2004), afetando não somente a pessoa, mas todo o meio em que vive como a família e ainda a sociedade (Solomon, 2002).

Mediante o uso de determinados métodos de pagamentos, como é o caso do cartão de crédito e pela busca de satisfações pessoais ao ver o objeto de desejo, há pessoas que se sentem impulsionadas a realizar algumas transações de compra, sendo que o fato de não ter que desembolsar o valor monetário daquela fatura no momento da compra facilita o processo, assim, em determinadas situações algumas pessoas acabam por se endividar em demasia por não possuírem a noção do dinheiro dispendido nestas aquisições (Oliveira et al, 2004).

Em outra perspectiva, uma pesquisa realizada com as famílias do Reino Unido, objetivou verificar o autocontrole financeiro, a alfabetização financeira e o consumo ligado ao sobre-endividamento, sendo a sua pesquisa justificada pelo crescimento da dívida no Reino Unido (Gathergood, 2012). Os resultados indicaram que a dívida do consumidor tem crescido consistentemente desde os anos 1990. O débito em relação a renda familiar passou de 5,3% em 1995 para 19,6 no primeiro trimestre de 2011. Com estes dados, o Reino Unido torna-se o segundo país com o maior número de dívidas hipotecárias, sendo os Estados Unidos o primeiro colocado neste ranking.

Salienta-se que a ascensão do nível de dívida da sociedade é um tema já em pauta há muitos anos, sendo impulsionado definitivamente em um estudo realizado no ano de 1975. O objetivo da pesquisa foi identificar os aspectos que estimulam o endividamento. Os resultados revelaram três razões para uma pessoa gastar mais do que ela ganha: (i) baixa renda, de modo que nem sequer são cobertas as despesas essenciais; (ii) alta renda, combinada com um forte desejo de gastar, e (iii) uma falta de vontade para economizar (independentemente da renda) (Katona, 1975). A importância dessa pesquisa está em discutir a origem dos problemas de crédito, avaliando não somente os fatores econômicos, mas também os fatores psicológicos e comportamentais (Davies & Lea, 1995).

Surge mais tarde outro termo relevante para este contexto, o sobreendividamento ou superendividamento. Este caracteriza a situação em que o indivíduo é incapaz de pagar as suas dívidas com a renda que recebe. O sobreendividamento pode acontecer de forma ativa, quando o indivíduo contribui para a dívida, e de forma passiva, quando não contribui, como, por exemplo, em casos de doença e desemprego (Brusky & Magalhães, 2007; Ferreira, 2006; Keese, 2012). Para amenizar as consequências desse nível de dívida, os consumidores sobreendividados devem ser “reciclados” pelo sistema financeiro, permitindo que participem mais uma vez do mercado e da sociedade e não sejam excluídos. Isto representa uma ação importante para o consumidor e para a sociedade

como um todo, pois a exclusão financeira pode levar a exclusão social (Reifner et al, 2010). Sendo assim, países desenvolvidos estão interessados em compreender o fenômeno do superendividamento, avaliando a sua extensão, natureza e influência no bem estar da sociedade (Anderloni & Vandone, 2010).

## **2.2 Variáveis demográficas e culturais determinantes da propensão ao endividamento**

Uma dimensão relevante para a compreensão do comportamento dos indivíduos são seus aspectos demográficos e culturais, pois as características pessoais de cada pessoa são determinantes para definir a maneira de gerenciar seus recursos monetários. Assim, o perfil de endividamento está estritamente relacionado com a fase do ciclo de vida que se encontram os indivíduos, sendo importante relacionar aspectos como idade, estado civil, escolaridade, renda entre outros a propensão ao endividamento (Frade et al., 2008).

Na relação entre o perfil e o endividamento, destacam-se a escolaridade e a idade. As primeiras evidências revelam que quanto menor o grau de escolaridade do indivíduo maior é sua tendência de assumir parcelamentos e que pessoas mais velhas apresentam menor probabilidade de assumir dívidas (Ponchio, 2006). Outras pesquisas que também revelam níveis elevados de educação como um aspecto que favorece a gestão financeira e conseqüentemente amenizam o risco de dívida (Gathergood, 2012; Keese, 2012). Além disso, estudos revelam as pessoas mais jovens como mais vulneráveis a comportamentos inadequados no uso do dinheiro e conseqüentemente ao endividamento (Gathergood, 2012; Sevim et al, 2012). De maneira mais detalhada, jovens de 18 a 25 anos são mais predispostos a assumir riscos maiores e apresentar menor estabilidade financeira o que pode explicar a maior vulnerabilidade à dívida (Worthy et al, 2010). Um resultado distinto a estes foi auferido por Keese (2012), o qual identificou os mais jovens (menos de 30 anos) tendem a perceber o peso da dívida significativamente mais baixo, enquanto que os chefes de família com idade superior aos 45 anos são mais propensos a encargos maiores (Keese, 2012).

Além dessas questões, ressalta-se os estudos que utilizam as variáveis culturais para investigar a propensão ao endividamento. Em âmbito brasileiro, identificam-se estudos que trazem a relação do dinheiro com a religião, que durante décadas, foi vista pelos cientistas sociais como coisas incompatíveis (Roca, 2006). O estudo mostra que o dinheiro



sempre esteve presente na religião. Esta afirmação foi feita com base nos indivíduos da igreja Neo Pentecostal brasileira, na qual foi identificado que o dinheiro, além de ser utilizado como forma divina, também é um meio de promoção política e contribui para gerar mais recursos financeiros. Assim, a religião tem sido utilizada como uma variável explicativa nas diferenças de consumo, sendo alvo de estudos de pesquisadores no mundo inteiro (Moschis & Ong, 2011). Diante disso, identificou-se que os indivíduos sem religião apresentam atitudes positivas em relação ao débito, ou seja, são mais propensos ao endividamento (Davies & Lea, 1995).

A relação do endividamento com o estado civil também é referenciada. Os resultados de uma pesquisa, desenvolvida no Reino Unido, permitiram observar que 19% da amostra está endividada, sendo os indivíduos solteiros os que apresentam maiores níveis de sobre-endividamento (Keese, 2012). De encontro a esta perspectiva identificam-se estudos que destacam as pessoas casadas como as mais vulneráveis a estourar o limite do cartão de crédito e a pagar somente uma parcela da fatura elevando o nível da dívida (Mendes-Da-Silva et al, 2012).

Outro fator que pode estar diretamente relacionado a níveis de endividamento diz respeito à renda. Em observação sobre o endividamento de consumidores de baixa renda (até 3 salários mínimos) da cidade de São Paulo os resultados revelaram que a população pesquisada apresentava níveis significativos de endividamento (Zerrenner, 2007). De forma análoga, ao avaliar as mudanças ocorridas no nível de renda e nas finanças das famílias americanas entre os anos 2007 e 2010, pesquisadores constataram que o endividamento é superior entre as famílias com menor nível de renda, principalmente pela restrição orçamentária (Bricker & Kennickell, 2012).

Por fim, para analisar aspectos relacionados ao trabalho utilizou-se a variável ocupação que se refere ao fato de os indivíduos estarem empregados, desempregados ou não trabalharem. A ocupação exerce impacto significativo sobre a predisposição dos indivíduos contraírem dívidas, dado que pessoas desempregadas exibem expectativas mais pessimistas em relação ao futuro fazendo com que os mesmos sejam desfavoráveis ao uso do crédito e apresentem menor propensão ao endividamento (Keese, 2012). Confirmando essas evidências estudos encontraram que indivíduos empregados apresentam maior probabilidade de endividar-se, se confrontados a indivíduos desempregados ou pessoas que não trabalham (Chien & Devaney, 2001; Baek & Hong, 2004).

A seguir tem-se um quadro síntese (Quadro 01) no qual são apresentadas as relações esperadas, considerando os achados da literatura em torno dos aspectos citados.

Quadro 1 - Aspectos que influenciam na propensão ao endividamento

Aspectos/Variáveis	Relação Esperada	Referência
Escolaridade	Quanto menor o grau de escolaridade do indivíduo maior é sua tendência de assumir dívidas.	Ponchio, 2006; Gathergood, 2012; Keese, 2012.
Idade	Pessoas mais velhas apresentam menor probabilidade de assumir dívidas	Ponchio, 2006; Gathergood, 2012; Sevim; Temizel; Sayilir, 2012; Worthy; Jonkman; Blinn-Pike, 2010.
	Os chefes de família com idade superior aos 45 anos são mais propensos a encargos maiores, ou seja, dívida mais elevadas.	Keese, 2012.
Religião	Indivíduos sem religião apresentam atitudes positivas em relação ao débito.	Davies & Lea, 1995.
Estado civil	Os indivíduos solteiros são os que apresentam maiores níveis de sobre-endividamento.	Keese, 2012.
	As pessoas casadas são mais vulneráveis a níveis mais elevados de dívida.	Mendes-Da-Silva; Nakamura; Moraes, 2012.
Renda	O endividamento é superior entre as famílias com menor nível de renda.	Zerrenner, 2007; Bricker & Kennickell, 2012, Allwood et al., 2010.
Ocupação	Indivíduos empregados apresentam maior probabilidade de endividar-se	Keese, 2012, Chien & Devaney, 2001; Baek & Hong, 2004.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Dentre os aspectos apresentados, busca-se compreender de maneira mais incisiva as relações existentes entre essas variáveis e o endividamento, de maneira a retificar ou ratificar as relações evidenciadas.

### 3 Método

A pesquisa caracteriza-se como aplicada, quantitativa e descritiva. A pesquisa descritiva avalia e descreve características específicas, através da coleta, análise e armazenagem dos dados (Collis & Hussey, 2005). Considerou-se como cenário de pesquisa deste estudo a cidade de Santa Maria, localizada no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. De acordo com os dados do censo de 2010, disponíveis no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de Santa Maria possui uma estimativa de 261,031 habitantes. A amostra para 95% de confiança e um erro amostral de 3% é de 973 respondentes. A escolha por esta localidade se deu principalmente por Santa Maria se tratar de uma cidade

universitária, onde se encontra uma diversidade muito grande de culturas, religiões, comportamento e perfil o que contribui para o enfoque dessa pesquisa.

Ressalta-se que o estudo foi submetido ao Sistema Nacional de Ética em Pesquisa (SISNEP), sendo aprovado em 17 de abril de 2012 sob parecer número 11831 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 02054312,5,0000,5346.

### **3.1 Coleta de Dados**

Realizou-se um corte transversal, com uma estratégia de levantamento de dados: o *survey*. Como instrumento de coleta de dados adotou-se o questionário que compreende um instrumento de coleta de dados primários, com uma série ordenada de perguntas, que podem ser respondidas sem a presença do entrevistador (Marconi & Lakatos, 2009). A coleta dos dados foi realizada durante o período de maio a agosto de 2012 a partir da amostragem estratificada por bairros. Para aplicação dos questionários utilizou-se uma técnica aleatória, através do contato com os indivíduos dispostos a participar da pesquisa, ou seja, os entrevistadores visitavam os bairros da cidade e distribuíam os questionários aos interessados em responder a pesquisa. Ressalta-se que juntamente com o questionário, os respondentes assinavam o termo de consentimento livre e esclarecido, garantido os aspectos éticos da pesquisa. Na busca por coletar um grande número de instrumentos, dirigiu-se a lugares de grande circulação de pessoas, como as rodoviárias e os centros das cidades.

O instrumento de coleta de dados está estruturado em duas seções, sendo a primeira relativa às variáveis demográficas e culturais dos respondentes (idade, gênero, escolaridade, estado civil, entre outros), além de questões sobre crédito e gastos. Tendo em vista que o foco do estudo consiste em investigar a propensão ao endividamento, utilizou-se na próxima fase do questionário, uma escala do tipo Likert (1 = discordo muito; 2 = discordo; 3 = indiferente; 4 = concordo; 5 = concordo muito) adaptada do estudo de Moura (2005). Salienta-se que das nove questões da escala de endividamento quatro apresentavam escalas invertidas (quanto maior o nível de concordância, menor seria a propensão ao endividamento). Para padronizar as escalas, inverteu-se as respostas, tornando todas as variáveis com o mesmo padrão (quanto menor o nível de concordância, menor a propensão ao endividamento), sendo que as variáveis que sofreram essa alteração são: 1, 2, 3, 6.

Para validação do instrumento de coleta de dados realizou-se um teste piloto, adotando-se o critério exposto por Hair et al. (2009) o qual expõe a necessidade de pelo menos dez respondentes para cada questão da escala. Com isso, foram aplicados noventa questionários a fim de validar a escala de endividamento de Moura (2005) e analisar a compreensão dos respondentes sob o instrumento. Nesta fase não foram identificadas necessidades de mudança na escala.

### **3.2 Análise de Dados**

Para análise dos resultados utilizou-se o software SPSS®, aplicando-se estatística descritiva e a análise da variância (Hair et al., 2009).

O teste One Way – ANOVA, é útil para observar situações em que existem diversas variáveis independentes, sendo que por esse teste é possível identificar de que maneira as variáveis independentes interagem umas com as outras e que efeitos essas interações apresentam sobre a variável dependente, ou seja, testa a hipótese da diferença de média entre as variáveis investigadas (Pestana & Gageiro, 2008). Para alcançar o objetivo da OneWay –ANOVA, realizam-se três testes: homogeneidade da variância (Levene), F ANOVA ou F de Welch e Post-Hoc H.D.S. de Tukey ou Post-Hoc de Games-Howell.

Inicialmente para observar a homogeneidade da variância, ou seja, avaliar a igualdade das variâncias entre os grupos investigados (Corrar et al, 2009) utiliza-se o teste de Levene. Para isso, testa-se a hipótese nula de que as diferenças entre as variâncias é zero e a hipótese alternativa de que as variâncias são significativamente diferentes, violando assim a suposição de homocedasticidade (Field, 2009).

Apos às observações da homogeneidade da variância realiza-se o teste F, o qual avalia a “hipótese nula de médias equivalentes de grupos sobre uma variável dependente” (Hair et al., 2009, p. 278). Em outras palavras, o teste F compara a média dos vários grupos, se houver diferenças significativas indica que há diferenças de média em pelo menos um dos grupos comparados, mas se o teste não apresentar significância representa que na amostra investigada não há casos em que a média de uma variável comparada com a outra seja tão grande a ponto de tornar-se significativa (Pestana & Gageiro, 2008). Ressalta-se que esse teste é executado quando a suposição de homogeneidade das variâncias é atendida. No caso de o teste de Levene ter sido significativo, algumas providências devem ser tomadas,

nesse sentido, ao invés de utilizar o teste F, emprega-se o teste F de Welch, o qual é robusto para testar a igualdade de médias (Field, 2009; Pestana & Gageiro, 2008).

Se o teste F apresentar significância, parte-se para o teste Post-Hoc H.S.D. de Tukey, o qual evidencia as diferenças de média entre os grupos que demonstrarem-se significativas (Hair et al., 2009). Optou-se entre os vários testes Post-Hoc pela execução do H.S.D. de Tukey, pois este é o mais adequado para a análise de comparações múltiplas, como é o caso deste estudo, que observa em um mesmo momento, todas as relações existentes entre as variáveis testadas (Pestana & Gageiro, 2008). Salienta-se que se houver violação da homocedasticidade, ao invés do teste Post-Hoc H.D.S. de Tukey usa-se o teste Post-Hoc de Games-Howell, o qual é específico para essa situação e demonstra um melhor desempenho (Field, 2009). O Quadro 2 apresenta as técnicas e métodos utilizados com sua respectiva finalidade.

Quadro 2 - Resumo das técnicas de análise multivariada aplicadas

<b>Técnicas e Métodos Utilizados</b>		<b>Finalidade</b>
Análise da variância	<b>ONE WAY – ANOVA</b>	- Verificar a diferença de média entre as variáveis investigadas.
	Levene	- Verificar a homogeneidade das variâncias
	Teste F	- Verificar a significância das diferenças das médias
	Teste F de Welch	- Verificar a significância das diferenças das médias para variâncias heterogêneas
	Post-Hoc HDS de Tukey	- Testar a significância das comparações
	Post-Hoc de Games-Howell	- Testar a significância das comparações para variâncias heterogêneas.

Fonte: Elaborado pelos autores.

#### 4 Discussão de Resultados

A coleta de dados foi realizada no município de Santa Maria-RS, com uma amostra estratificada entre os bairros e distritos, assim alcançando-se um total de 1,046 respondentes.

Apresenta-se a caracterização da amostra através das questões relacionadas a idade, estado civil, gênero, escolaridade, religião, entre outros. Para realizar a análise destas questões utilizou-se a estatística descritiva, considerando a frequência de resposta e o percentual. Ao analisar a idade, percebe-se que em média, os respondentes têm 34 anos, com uma mediana de 30 anos e um desvio padrão de 14,56.

Quanto ao perfil, a maioria dos respondentes pertence ao gênero feminino (57,5%), sendo que grande parte dos respondentes é casada (42,7%) ou solteira (47,9%). Além

disso, 65% possuem residência própria e 55,6% não possuem dependentes. Os respondentes apontam pertencer à raça branca (80,5%). Sobre o grau de escolaridade, possuem ensino médio incompleto (22,1%), ensino médio completo (19,6%) e ensino superior incompleto (14%). Ressalta-se que a variável escolaridade foi distribuída em diversos grupos a fim de verificar sua influência no endividamento. Segundo Ponchio (2006) a escolaridade e o endividamento possuem uma relação negativa, onde os indivíduos com níveis mais elevados de escolaridade demonstram menor propensão ao endividamento.

Quanto à ocupação nota-se que grande parte são empregados assalariados (33,6%), funcionários públicos (20,9%) e autônomos (19,7%). Percebe-se que os dados referentes a religião demonstram que mais da metade (56,2%) pertencem a religião católica. Em relação às questões financeiras, os indivíduos possuem uma renda mensal familiar de 1 a 2 salários mínimos (24,1%). Os grupos criados para esta variável foram baseados na classificação do IBGE e buscaram identificar qual a renda mensal familiar da amostra, pois segundo Katona (1975) o nível de renda (baixo ou alto) influencia o endividamento.

Após conhecer o perfil dos respondentes, o estudo buscou caracterizar como os mesmos se comportam em relação aos gastos. Para esta análise foram consideradas questões sobre a utilização de cartão de crédito, a dependência do crédito, a quantidade de gastos e o acompanhamento das contas e compromissos de crédito. Os resultados destas questões são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 – Perfil dos gastos através das variáveis: cartão de crédito, dependência do crédito, gastos e controle das contas.

Variáveis	Alternativas	Frequência	Percentual
<b>Você utiliza cartão de crédito?</b>	Não	454	43,4
	Sim	592	56,6
<b>Quantos cartões de crédito você utiliza?</b>	Nenhum	455	43,5
	1	304	29,1
	2	194	18,5
	3	58	5,5
	4 ou mais	35	3,4
<b>Com que frequência depende do crédito para pagar seus gastos?</b>	Todo o tempo	65	6,2
	Às vezes	235	22,5
	Raramente	218	20,9
	Nunca	527	50,4
<b>Com relação aos seus gastos? Você diria que:</b>	Gasto mais do que ganho	196	18,7
	Gasto igual ao que ganho	367	35,1
	Gasto menos do que ganho	483	46,2
<b>Qual das seguintes afirmações melhor descreve o quanto bem</b>	Pagando todas as contas, sem quaisquer dificuldades	469	44,9
	Pagando todas as contas, com algumas	357	34,2

<b>você (e seu parceiro, se for o caso) está(ão) acompanhando atualmente as suas contas e compromissos de crédito:</b>	dificuldades		
	Pagando todas as contas, com muitas dificuldades	64	6,1
	Deixando em atraso algumas contas	25	2,4
	Com sérios problemas financeiros, atrasando contas	28	2,7
	Não possuo/não possuímos/ contas	61	5,8
	Não sei	41	3,9

Fonte: Resultados da pesquisa

Quanto ao uso do cartão de crédito, um percentual representativo (56,6%) utiliza cartão de crédito. Quanto ao número de cartões utilizados, a maioria utiliza um cartão de crédito (29,1%) ou dois cartões de crédito (18,5%). Verificando os gastos, dizem que gastam menos do que ganham (46,2%), fato este relevante, pois indica uma menos predisposição ao endividamento.

Após conhecer o perfil, verificou-se a propensão ao endividamento dos respondentes, através da escala de endividamento de Moura (2005). Nessa escala podem ser analisados três aspectos: moral da sociedade (questões 1, 4 e 8), preferência no tempo (questões 2, 5 e 7) e auto controle (questões 3, 6 e 9), distribuídos em cinco pontos (1 = discordo totalmente; 5 = concordo totalmente). As médias, medianas e desvio padrão para cada variável são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 - Variáveis e médias da escala de endividamento

<b>Código</b>	<b>Variável</b>	<b>Média</b>	<b>Mediana</b>	<b>Desvio Padrão</b>
Q1*	Não é certo gastar mais do que ganho.	1,82	2,00	0,91
Q2*	É melhor primeiro juntar dinheiro e só depois gastar.	2,10	2,00	0,88
Q3*	Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco.	2,01	2,00	0,97
Q4	Acho normal as pessoas ficarem endividadas para pagar suas coisas.	2,14	2,00	1,05
Q5	Prefiro comprar parcelado do que esperar ter dinheiro para comprar à vista.	2,73	3,00	1,19
Q6*	É importante saber controlar os gastos da minha casa.	1,70	2,00	0,71
Q7	Prefiro pagar parcelado mesmo que no total seja mais caro.	2,33	3,00	1,12
Q8	As pessoas ficariam desapontadas comigo se soubessem que tenho dívida.	2,54	3,00	1,01
Q9	Não tem problema ter dívida se eu sei que posso pagar.	3,36	4,00	1,09

Fonte: Resultados da pesquisa

\*Questões invertidas.

Constata-se que de maneira geral, os respondentes demonstram um nível intermediário de propensão ao endividamento. Ressalta-se que quando questionados sobre os gastos, afirmam que não é certo gastar mais do que ganham (média = 1,82), e, além

disso, apontam que é importante saber controlar os gastos da residência (média = 1,70). Além disso, quando questionados sobre endividar-se para pagar suas contas, demonstram discordar desta atitude (média = 2,14), ou seja, não é normal as pessoas ficarem endividadas para pagar suas coisas.

Para ratificar esses achados apresenta-se na Tabela 3 a frequência das respostas em cada uma das alternativas.

Tabela 3 - Percentual válido na escala de Endividamento

Código	Variáveis	Discord o Muito	Discord o	Indiferent e	Concord o	Concor do Muito
Q1*	Não é certo gastar mais do que ganho.	38,5	<b>50,7</b>	3,4	3,8	3,2
Q2*	É melhor primeiro juntar dinheiro e só depois gastar.	22,8	<b>54,8</b>	13,9	6,9	1,7
Q3*	Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco.	30,1	<b>52,5</b>	6,2	8,5	2,7
Q4	Acho normal as pessoas ficarem endividadas para pagar suas coisas.	30,7	<b>41,8</b>	12,2	13,7	1,5
Q5	Prefiro comprar parcelado do que esperar ter dinheiro para comprar à vista.	17,9	<b>30,0</b>	17,6	30,0	4,4
Q6*	É importante saber controlar os gastos da minha casa.	30,1	<b>52,5</b>	6,2	8,5	2,7
Q7	Prefiro pagar parcelado mesmo que no total seja mais caro.	24,1	<b>42,8</b>	11,9	18,1	3,1
Q8	As pessoas ficariam desapontadas comigo se soubessem que tenho dívida.	16,1	<b>33,6</b>	33,9	13,2	3,2
Q9	Não tem problema ter dívida se eu sei que posso pagar.	7,8	17,4	13,7	<b>53,9</b>	7,3

Fonte: Resultados da pesquisa

\*Questões invertidas.

Corroborando com as conclusões anteriores, observa-se que os respondentes discordam da maioria das questões, indicando uma baixa propensão ao endividamento já que quanto menor a concordância melhor tende a ser o comportamento do indivíduo. Um aspecto a ser salientado, é que as médias auferidas (Tabela 3) também tenderam a alternativa discordo, isso revela que a maior parte dos entrevistados realmente estão com baixa propensão ao endividamento.

Posteriormente buscou-se verificar a confiabilidade da escala, a fim de formar o fator de propensão ao endividamento para realizar os demais testes estatísticos. Assim, primeiramente verificou-se a confiabilidade pela coerência interna (*Alfa de Cronbach*). O valor do alfa varia de 0 a 1, sendo que o valor mínimo para garantir confiabilidade é de 0,6 (Hair et al.,2009). A escala de endividamento apresentou Alfa de Cronbach de 0,42, sendo



necessário realizar ajustes. Com isso, após exclusão das variáveis, encontrou-se um *Alfa de Cronbach* de 0,64, ficando o fator composto pelas variáveis Q1, Q2, Q3 e Q6.

Com base nas confiabilidades encontradas, as variáveis das escalas foram transformadas em fatores, a partir da média dos resultados. Assim, por exemplo, para cada respondente foi calculado o fator propensão ao endividamento a partir da média das respostas atribuídas às questões Q1, Q2, Q3, e Q6 que formam esse fator. Neste caso, a média para o fator endividamento foi de 1,90. Tendo em vista as possíveis relações existentes entre a propensão ao endividamento e as variáveis utilizadas no estudo, foram realizados testes para identificar diferenças existentes entre os grupos e quais são essas diferenças. Utilizou-se o teste One-Way ANOVA para identificar as diferenças no nível de propensão ao endividamento de acordo com as variáveis demográficas e culturais: estado civil, escolaridade, renda, religião, ocupação, idade e gastos. Para isso, realiza-se o teste de homogeneidade da variância, verificando-se o teste F. A Tabela 4 apresenta o valor e a significância dos testes de homogeneidade do teste F, ressalta-se que são apresentadas apenas as diferenças significativas, mas os testes foram feitas com todas as variáveis de perfil.

Tabela 4 -Valor e significância da homogeneidade da variância e do teste F para o nível de endividamento conforme as variáveis demográficas e culturais

Variável	Homogeneidade da variância		Teste F	
	Valor	Sig.	Valor	Sig.
Estado Civil*	5,738	0,001	5,216	0,002
Escolaridade	0,549	0,700	16,370	0,000
Ocupação	2,086	0,065	7,630	0,000
Renda	1,960	0,082	10,374	0,000
Religião*	4,873	0,001	3,455	0,009
Idade*	5,303	0,001	11,829	0,000
Gastos	0,459	0,632	13,368	0,000

Fonte: Resultados da pesquisa

\*neste caso teste razão F de Welch

Observando os resultados da Tabela 5, constata-se que alguns dados possuem variância heterogênea, ou seja, o teste de homogeneidade da variância para o fator propensão ao endividamento foi significativo para as variáveis: estado civil, religião e idade. Para as demais, verifica-se que o pressuposto de homogeneidade não foi violado. O teste F, apresenta-se significativo em todos os casos, apontando que em pelo menos um dos grupos analisados há diferenças de média relevantes para a investigação. A Tabela 5

ilustra as diferenças significativas encontradas entre as variáveis e a propensão ao endividamento (que varia de 1 a 5).

Tabela 5 – Teste Post-Hoc de Games-Howell e HSD de Tukey, diferença de média e significância para o nível de endividamento conforme as variáveis demográficas e culturais

Variáveis	Grupos	Grupos	Diferença de média	Sig.
Estado Civil (1)	Casado(a)	Solteiro	-0,12007*	0,012
		Viúvo	-0,29261*	0,026
Escolaridade (2)	Ensino Fundamental	Ensino Superior	0,30552*	0,000
		Especialização	0,33280*	0,000
		Pós Graduação	0,47988*	0,000
	Ensino Médio	Ensino Superior	0,20843*	0,000
		Especialização	0,23572*	0,003
		Pós Graduação	0,38280*	0,000
Ocupação (2)	Não Trabalha	Autônomo(a)	0,25242*	0,009
		Aposentado(a)	0,33950*	0,006
		Funcionário(a) Público(a)	0,41407*	0,000
		Empregado(a) Assalariado(a)	0,32337*	0,000
		Outra	0,42337*	0,000
Renda (2)	Até 1 salário mínimo	Mais de 3 a 5 salários	0,31616*	0,000
		Mais de 5 a 10 salários	0,37514*	0,000
		Mais de 10 salários	0,33187*	0,001
	Mais de 1 a 2 salários	Mais de 3 a 5 salários	0,17784*	0,007
		Mais de 5 a 10 salários	0,23682*	0,001
	Mais de 2 a 3 salários	Mais de 3 a 5 salários	0,19792*	0,015
Mais de 5 a 10 salários		0,25690*	0,001	
Religião (1)	Sem religião	Católica	0,24765*	0,000
		Evangélica	0,25033*	0,005
		Espírita	0,26952*	0,007
Idade (1)	Até 22 anos	De 23 a 30 anos	0,27010*	0,000
		De 31 a 45 anos	0,19052*	0,001
		Mais de 45 anos	0,28655*	0,000
Gastos (2)	Gasto mais do que ganho	Gasto igual ao que ganho	0,20055*	0,000
		Gasto menos do que ganho	0,26207*	0,000

Fonte: Resultados da Pesquisa

(1) = Games-Howell; (2) = HSD Tukey

Nota: Na Tabela são expostos somente os grupos que apresentaram diferença significativa.

Nota-se que existe diferença significativa de média no endividamento conforme o estado civil, escolaridade, renda, religião, ocupação, idade e gastos.

Em relação ao estado civil, evidencia-se que duas comparações apresentaram diferenças significativas de média. O grupo de casados com solteiros e viúvos. Neste sentido, observa-se os valores negativos, os quais indicam que os casados tendem a menor nível de endividamento que os solteiros (diferença de média: -0,12) e que os viúvos (-0,29). Nota-se que as pessoas que ainda não constituíram uma família ou que já constituíram, mas no momento vivem sozinhas, tendem a maior propensão ao endividamento, o que

pode ser justificada por não terem compromisso exclusivo com a família. Esse resultado ratifica os achados de Keese (2012) e contradiz os resultados de Mendes-Da-Silva et al (2012), os quais revelaram as pessoas casadas como mais vulneráveis a níveis mais elevados de dívida.

Quanto à escolaridade, os resultados demonstram que a propensão ao endividamento é maior para os indivíduos que possuem ensino fundamental, quando comparados aqueles com ensino superior (0,30), especialização (0,33) e pós-graduação (0,47). Para o ensino médio também se constata maior nível de endividamento do que para o ensino superior, especialização e pós-graduação, porém com níveis menores de diferença que o ensino fundamental. Esse resultado corrobora a afirmação de que quanto menor o grau de escolaridade do indivíduo maior é sua tendência a assumir dívidas (Ponchio, 2006; Gathergood, 2012; Keese, 2012). Essa evidencia pode ser justificada pela relação existente entre escolaridade e renda, já abordada em outros estudos, como o estudo de Soares, Trindade e Machado (2009) apresentando como resultado que os trabalhadores com menores níveis de escolaridade apresentam menores rendas, buscando, assim, capitais de terceiros para suprir suas necessidades. Salienta-se que a escolaridade apresentou tendência linear ( $F= 64,353$ ;  $sig.= 0,000$ ), ou seja, quando maior o nível de educação menor será a propensão ao endividamento.

Em relação à ocupação, verifica-se que os indivíduos que não trabalham apresentam maior propensão ao endividamento se comparados com as demais ocupações. As maiores diferenças se concentram em outras ocupações (0,42) e nos funcionários públicos (0,41). Esse achado vai ao encontro com a literatura que indica que níveis mais baixos de renda podem influenciar na propensão ao endividamento, pois ocasionam restrições orçamentárias (Katona, 1975).

Ao analisar o aspecto da renda, nota-se que as menores faixas salariais obtiveram as maiores médias de propensão ao endividamento. Os respondentes com renda de até um salário mínimo se endividam mais que aqueles que recebem mais de 3 a 5 salários, mais de 5 a 10 salários e mais de 10 salários. Este resultado vai ao encontro do que mostrou Katona (1975), revelando que existem três motivos principais para o endividamento, sendo um deles a baixa renda. No estudo de Allwood et al. (2010) os autores constataram que famílias de baixa renda tinham risco superior de sobreendividamento do que as demais. De maneira análoga, ratifica-se que o endividamento é mais eminente entre as famílias com menor nível de renda (Zerrenner, 2007; Bricker & Kennickell, 2012). A tendência linear

dessa variável ( $F= 42,847$ ;  $sig.= 0,000$ ) comprova que na medida em que a renda aumenta a propensão ao endividamento diminui.

Levando em consideração os aspectos culturais, analisados através da religião, notou-se que as pessoas que não possuem religião são mais propensas ao endividamento do que aquelas da religião católica, evangélica e espírita. Esse resultado já tinha sido evidenciado em estudos anteriores, os quais revelaram que indivíduos sem religião apresentam atitudes positivas em relação ao débito, ou seja, são mais propensos ao endividamento (Davies; Lea, 1995).

Quanto à idade, o estudo apresentou que as pessoas de até 22 anos possuem maior tendência ao endividamento que as demais faixas etárias, principalmente quando se analisa a diferença de média em relação aos indivíduos com mais de 45 anos (0,28). Além disso, constata-se que a idade apresenta tendência linear ( $F= 10,704$ ;  $sig.= 0,000$ ), ou seja, conforme aumenta a faixa etária dos indivíduos, melhoram suas relações com as finanças. Esse resultado está de acordo com os estudos de Gathergood (2012) e Sevim et al (2012), os quais afirmam que as pessoas mais jovens demonstram níveis mais elevados de impulsividade, o que pode interferir nas decisões financeiras e gerar maior propensão ao endividamento. Por outro lado, Keese (2012) em seu estudo relatam que os mais jovens (menos de 30 anos) tendem a perceber o peso da dívida significativamente mais baixo, enquanto que os chefes de família com idade superior aos 45 anos são mais propensos a encargos maiores, endividando-se com mais facilidade.

Na sequência, constatou-se que existe diferença significativa no nível de endividamento conforme os gastos. Percebe-se que aqueles que gastam mais do que ganham tem maior propensão ao endividamento do que aqueles que gastam igual ou menos que ganham, com as respectivas diferenças de média: 0,20 e 0,26. Com isso, verifica-se que o nível de gastos também representa uma das variáveis que pode influenciar na propensão ao endividamento pessoal.

## 5 Conclusões

O presente estudo teve como objetivo investigar a propensão ao endividamento no município de Santa Maria-RS, e o papel das variáveis demográficas e culturais nas diferenças da propensão ao endividamento. Quanto ao perfil, notou-se que a maioria pertence ao gênero feminino, é solteira, com idade média de 34 anos, possui moradia

própria, não possui nenhum dependente e possui ensino médio incompleto. Quanto ao trabalho, a maioria dos respondentes é empregado assalariado, recebendo de 1 a 2 salários. Em relação aos gastos pessoais, a maioria dos indivíduos afirmam que utilizam o cartão de crédito para suas despesas pessoais, mas que gasta menos do que ganha. Em um primeiro momento, nota-se um perfil conservador da amostra em relação ao endividamento. Ressalta-se que mesmo sendo indivíduos mais jovens, com menor nível de renda e escolaridade, o perfil de gastos é controlado, demonstrando que os mesmos se preocupam com a propensão ao endividamento.

A fim de investigar mais amplamente a questão central do estudo utilizou-se uma escala de propensão ao endividamento, desenvolvida por Moura (2005). Realizou-se os procedimentos estatísticos necessários para testar a confiabilidade da escala (*Alfa de Cronbach*) e posteriormente a criação do fator de propensão ao endividamento. Na análise do mesmo, notou-se que em relação ao endividamento, os respondentes apresentaram uma média baixa, de 1,90. Este resultado confirma o que foi encontrado no perfil das dívidas, onde a maioria demonstrou utilizar o crédito, mas ressaltando que os gastos não ultrapassam a renda, gerando uma baixa propensão ao endividamento, bem como os resultados auferidos na frequência das variáveis, análise que ratificou a discordância dos entrevistados quanto os questionamentos.

As comparações entre os grupos mostraram haver diferença na propensão ao endividamento conforme o estado civil, a escolaridade, a ocupação, renda, religião, idade e gastos. Pode-se observar que os grupos mais tendentes ao endividamento são aqueles indivíduos solteiros e viúvos, com menores níveis de escolaridade (ensino fundamental e ensino médio), sem ocupação, com baixa renda, sem religião, mais jovens (até 22 anos) e que gastam mais do que ganham. Esses resultados comprovam que as variáveis socioeconômicas são determinantes na propensão ao endividamento dos indivíduos. Assim, tendo posse dessas informações, torna-se possível identificar o perfil das pessoas que estariam mais vulneráveis a dívida, o que proporciona a possibilidade de desenvolver projetos públicos que focalizem esses grupos, de maneira a desenvolver palestras e/ou cursos que subsidiem melhores comportamentos financeiros e consequentemente minimize a probabilidade de elevada dívida.

A relevância deste estudo está no fato de que o endividamento é um tema de extrema importância, que vem recebendo cada vez mais atenção, tanto das pessoas, quanto das organizações e governo. A crescente oferta de crédito tem proporcionado o consumo a

classes sociais que anteriormente eram excluídas financeiramente. O número de famílias endividadas vem crescendo, sendo que as mesmas se sentem menos satisfeitas com sua situação financeira atual e menos confiantes em uma situação financeira futura. Além disso, a presença de dívidas acarreta sensações de tristeza, ansiedade, nervosismo, depressão, podendo, inclusive, afetar as relações sociais, profissionais e familiares dos endividados.

Neste sentido, compreender melhor a propensão ao endividamento neste processo pode ser muito útil para que administradoras de cartão de crédito, bancos, organizações de proteção e defesa do consumidor, educadores, bem como a própria família, possam tomar decisões financeiras mais acertadas. É importante também que essas instituições auxiliem na identificação da influência do perfil e conscientizem os usuários quanto à importância de atitudes e comportamentos responsáveis na utilização do crédito. E, ainda, modelos de análise de crédito que tradicionalmente utilizam de variáveis socioeconômicas, poderiam incorporar aspectos relativos à propensão ao endividamento em suas análises.

Outros estudos nessa temática podem investigar outras populações, a fim de identificar os principais aspectos que levam ao endividamento em contextos distintos. Além disso, sugere-se que em pesquisas futuras, realize-se a ampliação do escopo do trabalho incluindo nas variáveis explicativas aspectos comportamentais como o materialismo, as compras compulsivas e outras.

Como principal contribuição da pesquisa deve-se destacar a tentativa de investigar variáveis demográficas e culturais, verificando as diferenças que as mesmas ocasionam na propensão ao endividamento. Com isso, pode-se conhecer o perfil deste novo consumidor, podendo desenvolver ações para prevenir o endividamento, evitando que aumentos no acesso ao crédito não se reflitam em mais inadimplentes. Do ponto de vista organizacional, as empresas poderão adaptar o seu fluxo financeiro de acordo com o novo estilo de consumo e poupança. As instituições financeiras também podem se beneficiar dos estudos envolvendo o endividamento, tendo a possibilidade de construir modelos de concessão de crédito mais robustos, que considerem os fatores comportamentais.

## **6 Agradecimento**




Por fim, agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) pelo apoio financeiro.

## Referências

- Allwood, Z. et al. Business, innovation and skills: helping over-indebted consumers, *U.K. National Audit Office*, 2010.
- Anderloni, L. Vandone, D. Risk of Overindebtedness and Behavioural Factors. In: *Social Science Research Network*, 2010. <http://papers.ssrn.com/sol3/results.cfm?npage=2&>.
- Baek, E.; Hong, G. Effects of family life-cycle stages on consumer debts. *Journal of Family and Economic*, 25, 2004.
- BRICKER, J. et al. Changes in U.S. family finances from 2007 to 2010: evidence from the Survey of Consumer Finances. *Federal Reserve Bulletin*, 98, 2012.
- Banco Central do Brasil. *Relatório de estabilidade financeira*. 13, 2014. [http://www.bcb.gov.br/htms/estabilidade/2014\\_03/refP.pdf](http://www.bcb.gov.br/htms/estabilidade/2014_03/refP.pdf).
- Banco Central do Brasil. *Relatório de Inflação*. 2014. <http://www.bcb.gov.br/htms/relinf/port/2014/03/ri201403b4p.pdf>.
- Brusky, B.; Magalhães, R. Assessing Indebtedness: results from pilot survey among steelworkers in Sao Paulo. *Social Finance Working Paper*, 46, 2007.
- Chien, Y.; Devaney, S. The effects of credit attitude and socioeconomic factors on credit card and installment debt. *The Journal of Consumer Affairs*, 35, 2001.
- Collis, J.; Hussey, R. *Pesquisa em Administração: Um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação*. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). *Pesquisa Nacional CNC: Endividamento e Inadimplência*, 2014. [http://www.cnc.org.br/sites/default/files/arquivos/release\\_peic\\_maior\\_2014.pdf](http://www.cnc.org.br/sites/default/files/arquivos/release_peic_maior_2014.pdf).
- Corrar, L.; Paulo, E.; Dias, J. *Análise multivariada: para os cursos de Administração, Ciências Contábeis e Economia*. São Paulo: Atlas, 2009.
- Davies, E.; Lea, S. Student Attitudes to Student Debt. *Journal of Economic Psychology*, Amsterdam, 16, 1995.
- Dittmar, H. Gender identity-related meanings of personal possessions. *British Journal of Social Psychology*, 1996.
- Ferreira, R. *Como Planejar, Organizar e Controlar seu Dinheiro*. São Paulo: Thomson IOB, 2006.
- Field, A. *Descobrimo a estatística usando o SPSS*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- Frade, C. et al. *Um perfil dos sobre-endividados em Portugal*. Relatório Final. Centro de Estudos Sociais. Faculdade de Economia de Coimbra. Portugal, 2008.
- Gathergood, J. Self-Control, Financial Literacy and Consumer Over-Indebtedness. *Journal of Economic Psychology*, 33, 2012.
- Guttman, R.; Plihon, D. O endividamento do consumidor no cerne do capitalismo conduzido pelas finanças. *Economia e Sociedade*, 17, 2008.
- HAIR, J. et al. *Multivariate Data Analyses*. 7 Ed. New Jersey: Pearson, 2009.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Cidades*. <ftp://geoftp.ibge.gov.br>.
- Katona, G. *Psychological Economics*. New York: Elsevier, 1975.
- Keese, M. Who Feels Constrained by High Debt Burdens? – Subjective vs. Objective Measures of Household Indebtedness. *Journal of Economic Psychology*, 33, 2012.
- Marconi, M.; Lakatos, E. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 6 ed. 7 reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.
- Mendes-da-Silva, W.; Nakamura, W.; De Moraes, D. Credit Card Risk Behavior on College Campuses: Evidence from Brazil. *Brazilian Administration Review*, 9, 2012.
- Moura, A. *Impacto dos Diferentes Níveis de Materialismo na Atitude ao Endividamento e no Nível de Dívida para Financiamento do Consumo nas Famílias de Baixa Renda do Município de São Paulo*.



- Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas). São Paulo: Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, 2005.
- Moschis, G.; Ong, F. Religiosity and consumer behavior of older adults: A study of subcultural influences in Malaysia. *Journal of Consumer Behaviour*, v. 10, 2011.
- Oliveira, T.; Ikeda, A.; Santos, R. Compra Compulsiva e a Influência do Cartão de Crédito. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, 44, 2004.
- Pestana, M.; Gageiro, J. *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS*. 5ª ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2008
- Ponchio, M. *The Influence of Materialism on Consumption Indebtedness in the Context of Low Income Consumers From the City of Sao Paulo*. Tese (Doutorado). São Paulo: Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- Reifner, U. et al. *Overindebtedness in European Consumer Law*. Books on Demand GmbH, Norderstedt, 2010.
- Roca, R. "Dinheiro Vivo": money and religion in Brazil. *Critique of Anthropology*, 2006.
- Sevim, N.; Temizel, F.; Sayilir, O. The effects of financial literacy on the borrowing behavior of Turkish financial consumers. *International Journal of Consumer Studies*, 36, 2012.
- Slomp, F. Endividamento e Consumo. *Revista Relações de Consumo*, 2008.
- Soares, C.; Trindade, L.; Machado, T. O Capital Intelectual como Ferramenta para o Crescimento Econômico: o caso da cidade de Santa Maria/RS. *XIII Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão - SEPE*, 2009.
- Solomon, M. *O comportamento do consumidor: comprando, possuindo e sendo*. 5ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.
- Worthy, S.; Jonkman, J.; Blinn-Pike, L. Sensation-seeking, risk-taking, and problematic financial behaviors of college students. *Journal of Family and Economic*, 31, 2010.
- Zerrenner, S. *Estudo sobre as razões para a população de baixa renda*. Dissertação (Mestrado em Ciências Administrativas). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

	<p><b>Kelmara Mendes Vieira</b></p> <p>Possui graduação em Administração pela Universidade Federal de Viçosa (1995), mestrado em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1998) e doutorado em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006). Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/UFSM e Editora da Revista Sociais e Humanas. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Finanças, atuando principalmente nos seguintes temas: mercado de capitais, administração financeira, finanças comportamentais.</p> <p>Email: <a href="mailto:kelmara@terra.com.br">kelmara@terra.com.br</a></p> <p>CV Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/4786960732238120">http://lattes.cnpq.br/4786960732238120</a></p>
	<p><b>Sílvia Amélia Mendonça Flores</b></p> <p>Professora Assistente na Universidade Federal do Pampa (RS). Mestre em Administração, pela Universidade Federal de Santa Maria, na linha de Economia, Controle e Finanças. Graduação em Administração pela Universidade Federal do Pampa, campus Sant'Ana do Livramento. Realiza pesquisas na área de finanças, finanças comportamentais, custos e cooperativismo.</p> <p>Email: <a href="mailto:silviaflores@unipampa.edu.br">silviaflores@unipampa.edu.br</a></p> <p>CV Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/3211894584505441">http://lattes.cnpq.br/3211894584505441</a></p>
	<p><b>Jéssica Pulino Campara</b></p> <p>Possui graduação em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (2013). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA/UFSM. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Finanças, atuando principalmente nos seguintes temas: finanças comportamentais (alfabetização financeira, propensão ao endividamento, percepção de risco, comportamento de risco, materialismo, compras compulsivas).</p> <p>Email: <a href="mailto:jecampara@hotmail.com">jecampara@hotmail.com</a></p> <p>CV Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/5040738435210574">http://lattes.cnpq.br/5040738435210574</a></p>